

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

certo ar conceitualista. O conhecimento então partiria da percepção sensível para o dado empírico e deste para o conceito. Daí os genéricos e as espécies.

Algumas conclusões

Concluimos que a disputa dos universais levou, em grande parte, a uma quebra primeiramente entre filosofia e religião e, posteriormente, entre filosofia e ciência. De uma questão puramente teórica dada com Porfírio passou-se com uma acirrada disputa filosófica e teológica. No cerne dessa discussão estava nada mais do que a disputa pela hegemonia da verdade. Poderíamos dizer que Abelardo tentou uma primeira harmonia na relação entre nominalismo antigo e realismo exagerado, esta primeira harmonia não foi suficiente e isso notamos com os trabalhos de Tomás e Scotus. Posteriormente nos vem uma tentativa de segunda harmonia que implode a coesão epistemológica do conhecimento e presenteia a modernidade com uma separação entre ciência, religião e filosofia que os posteriores a Ockham trataram de intensificar. Por isso podemos dizer que essa queda dos universais para o campo da experimentação científica (levada a cabo por nomes como João Buridano, Adão Wodeham e Alberto da Saxônia) levou a uma queda também da hegemonia da verdade que a Igreja católica tanto lutou para arrogar a si.

Referências

ABELARDO, Pedro. **Lógica para Principiantes**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

ROD, Wolfgang. **O caminho da filosofia I**. Tradução Ivo Martinazzo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

OCKHAM. **Problemas epistemológicos**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.



OS ENCANTOS DE HELENA: DISSIMULAÇÃO OU VIRTUDE? RESÍDUOS DOS VALORES MORAIS CRISTÃOS DA IDADE MÉDIA NA PERSONAGEM MACHADIANA

PEREIRA, Adalucami M.
MARTINS, Elizabeth D. (orientadora)

Apresentada no romance como a personagem feminina que reúne a maior quantidade de virtudes cristãs, Helena é o exemplo de mulher, filha e esposa a ser seguido, tendo em vista que suas ações primam pelos bons costumes e enaltecem a conduta moral.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

No romance *Helena*, de Machado, a protagonista é exaltada, em quase todo o enredo, como uma jovem bela e virtuosa, que pareceu “entrar” na família Vale para tornar mais felizes os dias daquele clã. Gentil e de fácil adaptação, a moça é assim descrita pelo narrador:

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres. (ASSIS, 2008, p. 24).

Observamos nesta passagem a superioridade de Helena, não há nenhuma referência a maus gestos ou ações inconvenientes. A moça porta-se sempre como um exemplo, ressaltando suas qualidades e estimulando a admiração de todos. “Ou seja, Helena corresponde à idealização universal do modelo de comportamento a ser seguido pelo sexo feminino” (ROCHA, 2006, p. 96), pois a mulher deveria seguir determinados padrões de moral, tendo em vista ser ela quem criava os filhos e organizava as regras da casa. Neste contexto, Helena realiza com eficiência e naturalidade as ações que remetem ao bom comportamento e às atividades sociais. A moça sabe relacionar-se muito bem não apenas com a família Vale, mas também com aqueles que frequentam a residência do Conselheiro.

Todavia, as atitudes de Helena tornam-se ainda mais interessantes pela dignidade exacerbada da moça. A jovem, apesar de todas as suas nobres características, sente a necessidade de provar, a todo o momento, merecer o afeto e a consideração da família Vale. Por ser a única a ter consciência da farsa que o Conselheiro criou, é como se Helena precisasse provar para si mesma, antes de tudo, que o ato de manter a mentira não havia “maculado” os seus princípios, a sua essência.

Na verdade, Helena não pretendia aderir à farsa. Isto é relatado por Salvador no episódio em que Estácio e Padre Melchior descobrem a verdadeira paternidade da moça. Salvador ressalta a resposta que obteve de Helena após escrever-lhe uma carta quando soube da morte do conselheiro:

Tive duas respostas: a primeira era no sentido da minha carta; a segunda anunciava-me que o conselheiro a reconhecera por testamento. Podia procurar e ler-lhes a segunda carta: é um documento da elevação dos sentimentos daquela menina. Exprimia-se com a maior gratidão e saudade a respeito do conselheiro; mas negava-se a aceitar o favor. Sabendo a verdade, não queria escondê-la ao mundo. Aceitando o reconhecimento, entendia que prejudicava direitos de terceiro, além de repudiar-me solenemente, o que não queria fazer desde que adquiria a liberdade de ação. Entre a herança e o dever, dizia ela, escolho o que é honesto, justo e natural. (ASSIS, 2008, p. 132).

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Contudo, a ação de sentir-se, pela primeira vez, livre e dona de si, não é concretizada. Pois Salvador, tendo consciência de sua condição social inferior e, por isso mesmo, sem recursos para dar uma vida confortável à Helena, convence a menina que ela deve acatar o desejo do conselheiro e “usurpar” um lugar que não é seu.

Apesar de Helena aderir ao pedido, seu maior interesse é estar ao lado de Salvador e poder construir uma vida com o pai verdadeiro. Todavia, em obediência a ele, sacrifica-se e, desta forma, realiza o desejo dos dois pais que o enredo lhe proporcionou. Mais uma vez Helena age em benefício de terceiros, esquecendo a sua própria vontade e permitindo que outros decidam sua vida.

Helena é, assim, vítima do destino. Segue as recomendações dos “dois pais” com dignidade, sem fazer uso de artimanhas, muito pelo contrário, mostra-se repleta de virtudes. Espera que sua ascensão não se faça com degradação, mas com a estima da família, respeitando os valores morais. (ROCHA, 2006, p. 99).

Como observamos, Machado de Assis compôs Helena demasiadamente digna. Diante da oportunidade de ser a herdeira de uma inestimável fortuna, a jovem repudia o interesse em prol da honestidade e do amor pelo pai verdadeiro. Entretanto, mesmo quando resolve aceitar a farsa, o faz por obediência de filha, ressaltando este valor moral cristão enfatizado desde a Bíblia: “faremos tudo o que o Senhor disse, e seremos obedientes” (*BÍBLIA SAGRADA*, 1990, Êx., 24, 7).

Segundo Lêdo Ivo, Machado de Assis denunciou a ambição e a hipocrisia dos personagens secundários do romance e “isolou, num plano de nobreza, sacrifício e dramaticidade, as duas figuras principais” da obra, Helena e Estácio, ratificando a ideia de que a personagem Helena parece ter sido construída para enaltecer os valores morais femininos, tão exigidos na época.

Ingrid Stein (1984) chama a atenção do leitor para a presença das “mulheres mártires” na obra de Machado de Assis:

Entre as figuras femininas machadianas é frequente a presença de mulheres envolvidas numa aura de quase martírio, concebidas pelo escritor: silenciosas, conformadas, dotadas de “virtude”, “pudor”, “recato”, e imbuídas do dever de manter os conceitos de “decoro” e “paz doméstica” (STEIN, 1984, p.72).

Para obedecer ao pai e manter as regras de boa conduta, Helena “castrou” seus desejos e manteve a vontade do Conselheiro. Por isso, a heroína é uma “espécie de mártir involuntária” (STEIN, 1984, p.73) aderindo às imposições de outros e sacrificando a sua natureza.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Os textos de Machado de Assis eram feitos de forma a conciliar “o gosto do público com os anseios da literatura nacional naquele momento” (ROCHA, 2006, p. 108), sendo, portanto, um reflexo do *imaginário* da época. Desta forma, Helena foi construída a partir de modelos românticos, pois a imagem feminina angelical adicionada a uma vida de percalços atraía o gosto popular¹⁵. Por isso mesmo, João César de Castro Rocha defende a obra machadiana da primeira fase, não a reconhecendo como “inferior” pelo caráter melodramático que ela assume, mas ressaltando que esta característica era uma exigência do público da época (*idem*).

Sendo assim, mesmo se tratando do amor, Helena possui uma conduta formada na moral e nos bons costumes. Diante da chantagem do Dr. Camargo, exigindo da jovem que ela convença Estácio a pedir Eugênia em casamento, pois caso contrário contaria a todos sobre a existência de Salvador, Helena não apenas consegue persuadir o irmão a fazer o pedido, como também aceita a proposta de Mendonça, que anseia tornar-se seu noivo.

Pela chantagem seria natural que Helena agisse de modo a convencer Estácio, todavia, era desnecessário aceitar Mendonça como marido. O que verificamos nesta atitude é a necessidade de Helena em concretizar ainda mais a impossibilidade de uma futura relação amorosa entre ela e Estácio. Pois tendo consciência de que o jovem não era seu irmão, a moça poderia ter esperanças de um dia ver toda aquela situação resolvida, sendo a consumação do amor entre os dois algo evidente.

Entretanto, Helena deseja justamente o contrário. A situação mentirosa que a envolveram afeta profundamente a jovem, despertando nela o desejo de reverter, a todo o instante, sua condição. Assim, Helena aceita casar-se com Mendonça porque este parece ser o estratagema mais digno.

O duplo casamento parece uma boa saída para os dilemas amorosos, ocasionados por sentimentos clandestinos e condenados pela sociedade. [...] Para esse problema, o do amor do jovem pela protagonista, não há solução possível que satisfaça a moral e os bons costumes. A única alternativa é neutralizá-lo [...] (ZILBERMAN, 1989, p.75).

O comentário supracitado revela explicitamente o *imaginário* moral representado na obra *Helena*. Mesmo quando a verdade dos fatos é descoberta (Helena e Estácio não serem irmãos), os

¹⁵ Os valores burgueses da ficção popular estrangeira que aqui circulavam, e que influenciavam nossos escritores, não refletiam a realidade brasileira oitocentista. Nossa sociedade seguia um regime patriarcal, monárquico, com bases econômicas rurais, bem diferentes dos ideais modernos europeus. Tais valores funcionavam muito bem nas obras inglesas e francesas. Quando este modelo era aplicado à produção local, o resultado nem sempre era satisfatório. Em *Helena* temos um bom exemplo de como isso acontece, pois o romance, ao sacrificar sua heroína, acaba também por sacrificar sua verossimilhança, mas esta era única maneira de resolver os conflitos da trama e não se distanciar da realidade do público. (*Idem, ibidem*).

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

personagens não podem se casar, pois diante de uma sociedade de aparências, tal fato implicaria em um grande escândalo, “que nem Machado de Assis seria capaz de provocar”¹⁶.

O casamento de Helena e Estácio seria como a última “afrota” que a família Vale estaria impondo à sociedade tão cheia de pudores da época. Pois o reconhecimento de Helena em testamento, contextualizando “a vida amorosa pouco católica” (CHALHOUB, 2003, p. 36) do conselheiro, já era um fato suficientemente “imoral” para a conduta daquele período. Além disso, ainda havia as reuniões sociais proporcionadas pela família, trazendo Helena como um dos centros das atenções e impondo a presença da jovem num “seio” social tão cheio de “virtudes”.

Sendo assim, torna-se compreensível o fato da família Vale desespera-se diante da possibilidade de Helena ter um relacionamento amoroso com Salvador. A moça era solteira, porém, o fato de haver encontros escondidos entre ela e um homem desconhecido, remetia a uma relação amorosa que punha em dúvida a castidade da jovem; de acordo com a *mentalidade* do século XIX, isto era algo inadmissível.

Referir o que se passara naquela fatal manhã era mais fácil de planejar que de executar. No momento de expor a situação e as circunstâncias dela, Estácio sentiu que a língua rebelde não obedecia à intenção. Achava-se num tribunal doméstico, e o que até então fora conflito interior entre a afeição e a dignidade, cumpria agora reduzi-lo às proporções de um libelo claro, seco e decidido. [...] Não fora talhado para tão melindrosas revelações o coração de D. Úrsula. Desde o princípio da conversação sentiu o atordoamento que dão os grandes golpes. Esperava, decerto, um grande infortúnio de Helena, um episódio da família anterior, alguma coisa que desafiasse a compaixão, sem diminuir o sentimento de estima. Acontecia justamente o contrário; a estima era impossível e a compaixão apenas provável.

Vejamos que diante das revelações acerca de Helena a família prostrou-se. O ato de aceitar a suposta atitude da moça era praticamente inconcebível. Diante da moral exacerbada e do regimento católico, não havia como compactuar com a situação. Helena ter um amante era uma atitude tão “imoral” que chegava ao ponto de diminuir o afeto da família pela jovem.

A questão da virgindade feminina é exaltada desde tempos anteriores ao período ressaltado na obra de Machado. Segundo o *Martelo das Feiticeiras*¹⁷, já no neolítico, a sexualidade feminina

¹⁶ Se Estácio, superando os preconceitos da época, desposasse Helena, o pecado legitimar-se-ia duplamente. Ela teria acendido socialmente e apossar-se-ia, com mais direitos, da totalidade do capital familiar, sem a adequada legitimação ética. Tal escândalo seria demasiado até mesmo para Machado de Assis. (RIBEIRO, 2008, p. 251).

¹⁷ *O Martelo das Feiticeiras* (Malleus Maleficarum) foi redigido por Henry Kramer e James Sprenger, professores de Teologia, da Ordem dos Monges Dominicanos. Durante a Idade Média, o livro foi considerado a continuação popular do Segundo Capítulo do Gênesis, tornando-se a testemunha mais importante da estrutura do patriarcado e de como esta estrutura funcionava concretamente sobre a repressão da mulher e do prazer. Durante três séculos o *Malleus* foi a Bíblia dos Inquisidores e esteve na banca de todos os julgamentos. (KRAMER; SPRENGER, Henry; James. *O Martelo das Feiticeiras*, Malleus Maleficarum. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos).

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

era rigidamente controlada pelos homens. Por isso, cabia à mulher manter-se casta. “O casamento era monogâmico e a mulher era obrigada a sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido. Qualquer ruptura desta norma podia significar a morte” (*Idem, ibidem*, p. 7). Na Idade Média, a *mentalidade* persiste, porém sofre o *hibridismo* que adiciona a ela os conceitos cristãos não existentes na época “das cavernas”.

Isto faz gerar um novo *imaginário*, pautado em regras morais que não aceitam mais a morte como solução para um ato impensado. Todavia, nesse novo tipo de concepção, continua a existir um sistema que exige da mulher a preservação de seu corpo. Esta atitude, dentro do contexto moral cristão, passa a ser associada à imagem da “pureza”, sendo transmitida através dos tempos. O século XIX também aderiu a tal contexto e, ao reter na memória social este *imaginário*, propagou sua concepção de moral.

A possibilidade de ser reconhecida como alguém de moral duvidosa angustia profundamente Helena. Essa postura da moça parece ter relação com o que Ingrid Stein ressalta. A autora aborda uma temática que ela define como a das “mulheres marginalizadas”. Segundo ela, essas mulheres aparecem na obra de Machado como aquelas que não são casadas, contudo mantêm uma relação amorosa e dela tiram proveito financeiro. Por viverem nessas condições, a partir do momento em que são descobertas, passam a ser marginalizadas pela sociedade (STEIN, 1984, p.90).

Talvez por causa desta visão social Helena tenha desenvolvido um comportamento tão digno. Não podemos esquecer que sua mãe, Ângela de Soledade, teve casa montada pelo conselheiro e passou a viver com ele depois de abandonar o marido. Esta atitude a torna uma das mulheres marginalizadas, as quais Ingrid Stein faz referência. Entretanto, o fato de conhecer a conduta da mãe e todos os sofrimentos causados por ela, parece ter originado em Helena o desejo de viver de uma maneira honesta, pautada em valores estabelecidos e dentro de um contexto moral. A jovem não julga a mãe, todavia possui consciência do mau passo que ela cometeu. Em conversa com o Dr. Camargo, quando o médico refere-se à Ângela, Helena ressalta:

Era minha mãe. Não sei o que foi para o mundo; mas, se me perdoaram a irregularidade do nascimento, não creio que me pedissem em troca a renúncia do meu amor de filha; a lei que o pôs em meu coração é anterior à lei dos homens (ASSIS, 2008, p.63).

Vejamos que Helena compreende perfeitamente o conjunto de valores e regras impostos pela sociedade. Contudo, apesar de também aderir a esses mesmos valores, não adere às possíveis críticas feitas à figura de sua mãe. A nobreza do coração da jovem escolhe antes a compaixão e o amor filial.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Como é possível identificar, Helena parece ser a personagem mais dotada de valores morais. Pois estes estão inseridos na natureza da jovem e independem de normas impostas. Apesar de Helena ter vivido em um colégio de freiras e, por isso mesmo, adquirido um conjunto de conceitos estabelecidos, percebemos serem as atitudes da jovem praticadas a partir de sua própria essência moral. Seria muito mais correto e cristão à Helena obedecer à vontade dos “familiares”, tendo em vista que esta, como disse Estácio, estava amparada pela lei¹⁸. Porém, a natureza de Helena sente de outra maneira, para ela o correto e verdadeiramente digno era abdicar de tudo.

A heroína, mesmo diante de todas as qualidades que sua alma possui, parece ser a personagem mais preocupada em executar os valores morais. As ações da jovem refletem um *imaginário* baseado numa conduta moral cristã que, no século XIX, estava intrinsecamente ligada às regras sociais. A protagonista, então, os cumpre com a mais digna de todas as condutas.

Porém, apesar de todas as manifestações de Helena como exemplo de virtudes, há alguns momentos no romance nos quais sua dignidade é questionada. Apresentando atitudes que podem confundir o leitor, Helena nos fornece elementos que nos proporcionam interpretações ambíguas de sua personalidade. Algumas delas sendo, inclusive, ressaltadas por outros personagens.

Quando Helena chega à casa da família Vale, o narrador a descreve como um ser angelical. Todavia, Estácio percebe algo de diferente na moça, alguma coisa que chamou a sua atenção.

(...) Uma só causa pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno (ASSIS, 2008, p.21).

De acordo com o comentário do narrador, percebe-se ser esta peculiaridade de Helena (o olhar misterioso) algo bastante significativo. Mesmo diante das inúmeras qualidades da moça, Estácio se detém a este pormenor. Inconscientemente, o rapaz parece identificar algo a mais. O mancebo não sabia das reais condições que levaram a jovem até o seio de sua família. Porém, parecia compreender, através do olhar de Helena, o ato falho que conduziria todo o enredo. “Helena surge, nesse passo, como um rascunho de Capitu ou de Sofia, as grandes dissimuladas machadianas que rondam o abismo do adultério” (IVO, 1976, p.61).

De fato, identificamos outro momento a nos remeter a esse contexto. Nele, Estácio presenciou a personalidade dúbia da irmã. Vejamos: Helena falou ao filho do conselheiro sobre o desejo de montar a cavalo, porém alegou não sabê-lo. Estácio se ofereceu para ensiná-la e a jovem aceitou. Entretanto, ao subir no lombo da égua Moema, “a cavaleira brandira o chicotinho, e o

¹⁸ Nesta passagem, Estácio refere-se, indiretamente, ao testamento do conselheiro, com o objetivo de convencer Helena a continuar morando com a família Vale, p. 136.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

animal saíra a trote largo pelo terreiro afora” (ASSIS, 2008, p. 36), deixando Estácio completamente confuso e demonstrando que a moça tinha o completo domínio da ação.

O ato de Helena pareceu ter o único objetivo de realizar um inofensivo desejo da moça. Mas é perceptível que para realizá-lo, a jovem usou a dissimulação. Como ela mesma identificou em um diálogo, o ato foi um “cálculo”, algo programado. Se somarmos a este ato o olhar “sonso” de Helena, citado pelo narrador, identificaremos pequenos elementos a nos direcionar para interpretações complexas acerca da protagonista. As ações da moça parecem inocentes, como ela conceitua: “travessuras”. Todavia, até que ponto estas ações seriam apenas caprichos?

Para abordarmos esta questão, é necessário ressaltarmos alguns comentários feitos acerca da mulher, disseminados na Idade Média, pelos padres inquisidores.

Durante esse período, houve uma enorme misoginia e a mulher era vista como a representação de todo mal. Para os padres inquisidores da época, por ter nascido Eva de uma costela torta de Adão, nenhuma mulher poderia ter atitudes retas, pois sua origem estava ligada a uma linha curva (no caso, a costela) (*Idem, ibidem*, p. 15). Essa *mentalidade* foi iniciada no final do século XIII e propagada por vários séculos. Por isso, muitas mulheres foram consideradas bruxas e queimadas na fogueira. Por terem um saber próprio e o domínio do preparo de algumas “beberagens”, essas mulheres, consideradas curadoras, eram facilmente associadas à feitiçaria.

A mulher é vista como a tentadora do homem, aquela que perturba a sua relação com a transcendência e também aquela que conflitua as relações entre os homens (*Idem, ibidem*, p. 14).

Desta forma, não havia como dissociar essa atmosfera de pecado à imagem da mulher. De acordo com o *imaginário* do medievo, era ela quem conduzia todo o mal.

Em *Helena*, verificamos os *resíduos* desse *imaginário*. Quando o Padre Melchior percebe o sentimento carnal de Estácio pela irmã, o sacerdote age de forma compreensiva, tentando, inclusive, isentar o jovem da culpa.

Quis a fortuna que entre vocês dois não houvesse a imagem da infância e a comunhão dos primeiros anos; que, em plena mocidade, passassem, do total desconhecimento um do outro, para a intimidade de todos os dias. Esta foi a raiz do mal. Helena apareceu-te mulher, com todas as seduções próprias da mulher, e mais ainda com as de seu próprio espírito, porque a natureza e a educação acordaram em a fazer original e superior (ASSIS, 2008, p.116).

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Ou seja, Melchior não apresenta uma postura de inquisidor. Antes, procura compreender as condições nas quais os jovens se encontraram. A atitude do sacerdote reflete uma conduta verdadeiramente cristã, pois não é cruel ao mencionar o amor existente entre os “irmãos”. Mas ao descrever Helena, as palavras de Melchior acabam nos remetendo facilmente ao *imaginário* medieval. Segundo o padre, Helena possuía as “seduções próprias da mulher”.

Quer dizer, o enredo nos apresenta uma protagonista preocupada em manter sua imagem moral, entretanto, em alguns momentos, sua conduta proporciona a desconfiança do leitor. Há uma evidente relação de conflitos. Helena apresenta uma alma inclinada para a verdade, as atitudes dignas e o excesso de valor moral. Entretanto, a vida diária requer a prática de ações duvidosas, sendo elementos facilmente associados a uma conduta negativa. Pois para manter a farsa, Helena precisa ser oblíqua. Segundo Ivan Teixeira, *Helena*, juntamente com *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia* são romances definidos como “retratos de mulher”, sendo a psicologia complicada das personagens femininas destes romances, a “resultante da mencionada complicação entre o social e o natural” (*idem, ibidem*).

Para Regina Zilberman, Machado de Assis não poderia ter imaginado Helena de maneira diferente. A moça precisava ser virtuosa, deixando apenas alguns “rastros” de dissimulação. Porque “se quisesse avançar e assumir outros riscos teria de exigir mais da heroína, forçando-a a tomar decisões que fraturassem o universo fechado em que se encerrara” (ZILBERMAN, 1989, p.88). Mas ele deixa de fazê-lo, pois segundo a autora, “seu público não suportaria o confronto com uma Helena emancipada” (*idem ibidem*).

Ao leitor fica a imagem de uma personagem construída de modo a enaltecer a nobreza de uma alma, acima de todas as coisas. Durante o enredo, ela obedeceu à vontade de dois pais, mesmo não concordando com ambos. Como membro de uma sociedade cristã e católica, exerceu seu papel de forma digna e não questionou os fundamentos das instituições sociais. Ao abdicar do amor de Estácio, enalteceu a fortaleza de espírito, demonstrando o quanto era capaz de se sacrificar.

Se foi dissimulada ou mentirosa, o fez por necessidade, tendo em vista fazer parte de um sistema dominador, que enaltece a condição masculina e os bens da fortuna. Todavia, a suposta “malícia” de Helena nunca prejudicou a outros, apenas serviu como elemento adicional às suas próprias angústias.

Machado de Assis compôs uma personagem única. Há momentos nos quais o leitor é induzido a questionar a conduta da protagonista, entretanto, são lapsos de interpretação negativa, pois logo o narrador se encarrega de nos contar um novo acontecimento a nos convencer da imagem ilibada da moça.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

A beleza dos traços físicos, a delicadeza dos modos, a tradição católica e as regras sociais foram os principais elementos utilizados para compor Helena. Todavia, seus maiores encantos estão nas qualidades naturais de sua alma, reproduzidas através de nobres virtudes, que cristalizaram sua imagem e admiraram o leitor.

Referências:

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Organizada por Afrânio Coutinho, volume I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. **Helena**. 2ª ed. Fortaleza: ABC Editora, 2001.

_____. **Helena**. 25ª Ed. São Paulo: Ática, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KRAMER; SPRENGER, Henry; James. **O Martelo das Feiticeiras**, Malleus Maleficarum. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

LÊDO IVO. **Teoria e celebração**: ensaios. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de papel**: Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROCHA, João César de Castro (Org.). In: **À roda de Machado de Assis**: ficção, crônica e crítica. Chapecó: Argos, 2006, p. 96.

STEIN, Ingrid. **Figuras Femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ZILBERMAN, Regina. **Helena: um caso de leitura**. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.



A BANALIZAÇÃO DA IDADE MÉDIA NO SÉCULO XX ATRAVÉS DA “INDÚSTRIA CULTURAL”

RODRIGUES, Francisco E. R.
CARDOSO, Gleudson P. (Orientador)

Resumo

Por meio de um diálogo interdisciplinar (História, Filosofia e Arte-cultura), este artigo tem por escopo identificar e analisar algumas leituras produzidas sobre a Idade Média no século XX através dos produtos de diversão em massa da “indústria cultural” especificamente na linguagem artística cinematográfica de filmes comerciais de Hollywood que acabou consolidando uma visão idealizada desse passado no imaginário da humanidade descartando consideravelmente parte da historicidade daquele período.

Palavras-chave: Idade Média. Indústria Cultural. Arte-Cultura.